



# Poema

# Minha Astorga

Aluno: Ulisses Gallo de Lima

Vou num pé e volto n'outro.  
Tic-tac, tic-tac, TRIMMMM...  
– Acorda, menino!  
Pra escola vou sozinho,  
pois conheço o caminho.

Vou num pé e volto n'outro.  
Ao sítio levar o almoço.  
A colheita está em pleno vapor.  
Sol e vento nos cachos de trigo,  
um mar dourado, a plantação.

Vou num pé e volto n'outro.  
Com os amigos na rua brincar,  
chutar bola, pega-pega, esconde-esconde,  
na sombra das árvores me refrescar.  
Carro na rua quase não passa  
e o vovô estica a vida na praça.  
Vou num pé e volto n'outro.

Ver a lua pontear no chafariz  
as cordas do violão.  
Praça Chitãozinho e Xororó,  
uma homenagem à sua canção.

Vou num pé e volto n'outro.  
Cidade pequena  
tem esta vantagem.  
A todo canto posso ir,  
sem fazer grande viagem.

Astorga dizem ter outra na Espanha,  
com belos castelos e esplendor.  
Mas a minha Astorga é assim,  
todo lugar a que vou...  
Vou num pé e volto n'outro.



# O João de Ipumirim

Aluno: João Pedro Artifon Canton

Blém, blém, blém!...  
Toca o sino da matriz  
São seis horas da manhã  
Me acordo, sou o João!

O João da poesia  
O João da antiga Vila Harmonia  
O João da alegria  
O bisneto da nona Maria.

O João de Ipumirim  
Que cuida do jardim  
Que pratica esporte, lazer  
Dança gaúcha folclórica, prazer.

O João que ama a escola  
Vive chutando bola  
Ama a rua onde mora  
Não deixa pássaro na gaiola.

O João que faz fogo no fogão  
Que sapeca o pinhão  
Que toca seu violão  
Que bebe o bom chimarrão.

O João que brinca no parque da praça  
Que com o amigo faz graça  
Que desenha na vidraça  
Que é feliz quando abraça.

O João que vai à piscina  
Que no judô fascina  
Que anda de skate na esquina  
Que sua bicicleta empina.



O João que dá bom-dia  
Pro vizinho, pro amigo, pra tia  
Que a vida desafia  
Convivendo com alegria.

O João que cultiva o chão  
Cuida da terra com a mão  
Planta milho, pipoca, feijão...  
Divide tudo com o irmão.

O João que anda a cavalo  
Que dá comida pro galo  
Que no rio Engano pesca  
Que com os amigos faz festa.

O João que nasceu nessa cidade  
Que cresce com liberdade  
Tem amigos de verdade  
Só existe amizade.

O João que aqui é feliz  
Que aqui criou raiz  
Que toca o sino da matriz  
Que desse povo é um aprendiz.

Blém, blém, blém!...  
Toca o sino da matriz  
18 horas é a hora  
Que na família a conversa rola.

# Manhã manhosa mineira

Aluna: Lamaira Condack Gonçalves

Acorda, manhã manhosa  
Que vem vindo o vento frio  
Faz curva, faz manha, faz graça  
Brinca na beira do rio.  
Vem ligeiro. Eta! menino faceiro!  
Vem trazendo um buchicho  
Cochicho de maritaca  
E é lá da mata.

Balança quati, jaguatirica, tucano  
Dançando ao chuá-chuá  
Da cachoeira do Chiador  
Véu de noiva  
Da princesinha da Zona da Mata mineira  
Esperando feliz o seu noivo.  
Xô, bem-te-vi! Olha o chiado!

Chacoalha o chocalho  
Ruge o trovão  
Gotas gorduchas de chuva  
Rolam na poeira  
Encharcam o chão  
Enverdecem a plantação.

Sol brincando de pique-esconde  
Menino travesso! Escondeu atrás do monte  
Logo ali, onde estão os "panhadores"  
colhendo ouro  
Mas não é ouro qualquer  
Ouro verde, vermelho, ouro preto  
Esse ouro é o café.

Acorda, manhã dengosa  
Levanta, abre teus olhos de aprendiz  
Vai percorrer as ruas  
Catar frutas frescas nos quintais  
Lá fora o vento frio,  
De braços abertos, te Espera Feliz.

# Ô de casa?!

Aluno: Henrique Douglas de Oliveira

Ê, Ê, Ê... Morena  
Ô, Ô, Ô... Machada  
Ê, Ê, Ê... Grauno  
Ô, Ô, Ô... Pelada.

O vaqueiro solta a voz  
No oco do mundo,  
Com seu aboio triste,  
Em poucos segundos,  
Encanta gente e gado.  
“Eita” aboio profundo!

Chapéu de couro e gibão,  
Luvas e peitoral,  
Perneiras e sandálias,  
Tudo artesanal.  
Ofício de meu pai,  
Vaqueiro magistral.

O sertanejo anseia  
Uma visita em nossa terra,  
Faz as honras da casa  
E ansioso espera,  
São José intercede  
E o povo por ela reza.

Quando a visita chega  
Molha o tapete vermelho,  
Desbota ele todo,  
O caminho é só lameiro,  
Pra nós é festa,  
É festa “pros violeiro”.

Eles cantam e encantam  
Aqui no nosso recanto,  
Em noite de cantoria  
Improvizam com seu canto,  
É coisa da nossa gente  
Aqui do nosso canto.

Sítio Gerimum  
Este é o meu lugar,  
Pedaço de chão resistente  
Como o povo que aqui está,  
Que semeia coragem,  
E faz a esperança brotar.

Meu Gerimum é com G,  
Você pode ter estranhado,  
Gerimum em abundância  
Aqui era plantado,  
E com a letra G  
Meu lugar foi registrado.

Este ano a visita  
Raramente se acomodou,  
Sua ausência causou tristeza  
E o nosso sertão chorou,  
Nem as lágrimas derramadas  
O chão seco molhou.

O tempo parece mudado,  
Mudou o verde do capim,  
A brisa está mais quente,  
Não faz um carinho assim,  
Até os passarinhos  
Voaram pra longe de mim.

Espero que os bons ventos  
Fluam em nossa cidade,  
Visitem José da Penha  
Sem nos deixar saudade,  
Tragam-nos boa-nova  
Espalhando prosperidade.

Enquanto espero a visita  
Você pode entrar,  
Também é meu convidado,  
Pode se aproximar  
Nossa essência permanece  
Sinta... Está no ar!

# Quero pintar de verde meu sertão

Aluna: Ana Letícia Oliveira Dutra

I

Alto Santo é minha terra  
Fica no sertão, precisamente  
Onde toda tardezinha  
Fico olhando o sol poente  
Esse sol que sem a chuva  
Deixa o meu sertão tão quente.

II

A seca que aqui vivemos  
Deixa tudo acinzentado  
Na estrada carros-pipas  
Passam por todo lado  
O jumento leva água  
Subindo o morro cansado.

III

Quando o sertão não tem água  
Precisamos nos mudar  
E a cor roxa da saudade  
Vai nos acompanhar  
E o preto da tristeza  
No coração vai ficar.

IV

O pincel que o senhor usa  
Emprestado eu vou pedir  
Com as gotinhas que dele  
Certamente vão cair  
Só assim eu poderei  
O meu sertão colorir.

V

Quando as gotinhas caírem  
E o verde se espalhar  
O feijão, arroz e milho  
Do chão vão poder brotar  
E a fartura, porém  
Vai mudar o meu lugar.

VI

Animais magros no pasto  
As vaquinhas a cair  
Quando eu pintar de verde  
Isso não vai existir  
E o aboio do vaqueiro  
Vamos voltar a ouvir.

VII

Nas noites de São João  
Milho assado na fogueira  
O beiju de mandioca  
Cheirando na farinheira  
Queijo e manteiga da terra  
Sendo feitos na queijeira.

VIII

Assim com o pincel  
Deixo verde o meu sertão  
O cajueiro na caatinga  
As aves de arribação  
A umburana florida  
O branco do algodão.

IX

O verde do xique-xique  
Sozinho não vai ficar  
Muitas flores vão se abrir  
E no meu sertão cheirar  
Sem o preto, o cinza, o roxo  
Cores tristes do lugar.

X

Quando tudo colorir  
E o verde predominar  
Quero agradecer ao Senhor  
Por poder me emprestar  
O pincel que transformou  
A vida do meu lugar.



# Memórias literárias



# Carreiro de memórias

Aluna: Beatriz Aparecida Melo Garcia

O tempo passou sem que eu percebesse. Lá se foram 81 anos, todos vividos neste casarão centenário, cheio de histórias, fincado nas terras de Minas Gerais, na pequena comunidade dos Antunes, zona rural de Santa Bárbara do Tugúrio.

Ainda há pouco, sentado na varanda, com o pito de palha no canto da boca, matutando, avisei meu carro de boi, carcomido pelo tempo, abandonado debaixo da gameleira. Aquela imagem me fez voltar à infância e carrear antigas lembranças. Época em que a cana-de-açúcar, o alambi que, a cachaça e a bagaceira movimentavam esse lugar. Tudo orquestrado pelo canto do carro de boi. Meu avô, tenente Antunes, forte como aroeira e doce como jabuticaba, estava no comando.

Eu tinha 7 anos quando ele me ordenou que o aguardasse no escritório. Temi que meu avô houvesse descoberto que eu armara um alçapão para pegar canarinho. Ele dizia: “Quem prende passarinho não entende nada de beleza, tem aleijão na alma”. Com minhas asas encolhidinhas, rumei para o escritório. Não tardou, ele chegou e falou de supetão: “A partir de amanhã você será o carreiro da nossa comunidade, condutor dos bois que transportam cana para o alambi que da fazenda”.

Naquela época, carreiro era a profissão mais importante do lugar. Eu não tinha noção disso, era apenas um menino. Sabia só do alívio que senti por não ser pego em minha travessura.

Passei a sair de madrugada. Levava no embornal (bolsa para transportar alimentos) a marmita, a rapadura e o coité (moringa feita de cabaça) com água. Comigo iam dois homens bons: Doraci e Benondio. Quanto mais pesada era a carga, mais o carro cantarolava. Os bois obedeciam ao meu comando. Não era preciso usar ferrão.

À tardezinha, voltávamos para casa. De longe eu sentia o olhar orgulhoso de meus pais e de meu avô me abençoando. Minha mãe aquecia uma çaparola com água e colocava na bacia para eu me banhar. Depois nos servia o jantar, preparado em panelas de ferro, no velho e bom fogão a lenha. Daí a pouco, todo o pessoal do lugar se reunia no casarão para estudar. Meu avô contratara um professor e fizera do maior salão desta casa a primeira sala de aula de nossa comunidade. Todos, sem distinção, foram convidados a estudar aqui.

O domingo era dia santo, de reza e descanso. Nós, além de rezar, jogávamos bola. Tínhamos dois times: Arranca Toco e Pé Rachado. Soltávamos pipa, tomávamos banho no ribeirão e ouvimos as histórias de meu avô.

O mais curioso é que hoje, com toda a tecnologia e brinquedos eletrônicos, as crianças ainda insistem em brincar assim. Só mudaram os figurantes. Os meninos são outros. O contador de histórias também. Sou uma criança de ontem que sopra o passado nos ouvidos das crianças de hoje e que sente por não poder contar ao avô, menino de anteontem, uma história que se inicia agora.

Pois não me esqueço do domingo em que o acompanhei até o porão. Ele me contou que na época de seu pai, meu bisavô Joaquim Antunes, ali era uma senzala e que foram os escravos, sem receber um vintém, que ergueram a casa-grande. Trouxeram, de longe e nos braços, pedras e madeiras enormes. Muitos morreram de exaustão. Falou-me da vergonha que sentia e da nossa dívida para com o povo negro. Aquilo caiu em meu peito como uma oração de domingo, e o res peito aos afrodescendentes se enraizou em mim.

É por isso que eu queria comungar com ele uma história que começa agora. Sei que sua alma, sem aleijão, iria sorrir ao ouvir que hoje os negros têm lugar reservado em universidades e que nas escolas, inclusive nas do nosso município, as crianças estudam a cultura africana. Será que começamos a saldar nossa dívida? Espero que sim.

E, enquanto a vida ruma para o amanhã, da minha janela vejo o carro de boi cabisbaixo. Cabisbaixo também estou. Caímos em desuso. Já não se pode ver o carro de boi passar cantando, conduzido pelo menino que se divertia em carrear. Nossa poesia se perdeu no tempo. Resta a ele trazer-me as recordações daquela época. Resta a mim carrear-las.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Vicente Antunes Garcia.)



# O tempo, o chiado e as flechas

Aluno: Jhonatan Oliveira Kempim

Era no tempo das matas virgens. Os espigões de Espigão d'Oeste eram cobertos de cerejeiras, mognos, cedros, jatobás, ipês e de imensas castanheiras. Os rios e igarapés tinham vida e eram limpos. O sol nascia e se punha na maior paz. Ao dormir, podíamos ouvir o silêncio da noite que só era rompido pelos bramidos de macacos e de onças-pintadas. Morávamos em uma casa de madeira lascada de amburana. Ainda não existiam serrarias. O chão era de barro batido e o telhado, de folhas de buriti. Pelas frestas das paredes o vento nos visitava, deixando nossas noites sempre fresquinhas. Andava pelas matas ouvindo os sonoros cânticos dos pássaros. Olhava para o céu e via a moldura que envolvia a natureza.

Por algum tempo tive a certeza de que aqui era o paraíso. Era um território indígena. Era o paraíso da tribo Suruí.

Daquele tempo, do que minha mente não me escapa, foi a manhã do dia 17 de julho do ano de 1973. Fazia um calor insuportável. O sol ardia vermelho no céu, a fumaça ardia cinzenta em meus olhos e as fuligens desciam como se chovesse... Havia queimadas por todos os lados. Precisávamos de pasto. Queríamos o progresso. Na cozinha somente uma cuia, uma moringa, duas panelas de pedra e uma panela de pressão ornamentavam o ambiente junto do fogão a lenha.

Nessa manhã, meu filho mais velho brincava no terreiro e eu, dentro de casa, preparava o almoço. Meu marido havia saído com outros homens para fazer derrubada. Ouvi o primeiro chiao da panela de pressão que cozinhava o feijão. Observei a sombra da bananeira para marcar o tempo do cozimento... Foi esse o tempo que jamais queria que tivesse existido... Foi esse o tempo que jamais me esqueci...

Pela janela avistei Júlio César apanhando goiabas... A panela ainda chiava... Olhei mais uma vez para o quintal e Júlio César estava sentado a comer as frutas. Tudo era muito calmo... A panela ainda chiava... O tempo. O chiado. A flecha... Fiquei perplexa... A panela chiava... Júlio César não comia mais as goiabas, elas estavam espalhadas ao seu redor... A panela chiava... Fiquei surda e muda... Não ouvi mais chiados, não falei mais nada, não pensei mais em nada, não queria ver mais nada... O tempo parado. Eu surda. E meu grito:

— Nãoooooooooo...

O tempo me mostrou mais uma flecha, como a outra, certa. Ela também veio fazer morada ao lado da anterior, na garganta do meu filho. Minhas trêmulas pernas me levaram ao encontro de algo que parecia mentira. Queria que tivesse sido apenas um sonho. Não foi sonho. Era tão real quanto a fuligem negra que cobria meu corpo; tão real quanto o vermelho do sol e dos meus olhos que agora ardiam não só pela fumaça, mas também pela dor; era tão real quanto o vermelho que passeava para fora do corpo de meu filho.

O chiado trouxe as flechas das mãos de um assustado suruí inocente, que foi combater o estranho e acabou tirando a vida de Júlio César. Foi o chiado, estranho som que não fazia parte daquele paraíso habitado por inocentes índios, araras, macacos e onças-pintadas. O desconheci do assusta. O chiado assustou o índio. A flecha me assustou.

Hoje me assusto ao olhar nossos espigões cobertos por pastos, abrigando uma ou outra castanheira e alguns ipês, sobreviventes árvores que resistiram às ações dos seus desconhecidos brancos. Imponentes árvores que assistem ao progresso das casas sem frestas para dar passagem ao vento, protegidas por grades e cercas elétricas. Imponentes árvores que assistem à falta d'água dos rios e dos igarapés. Imponentes árvores que encantam nossos olhos. Imponentes árvores que se fazem vivas para assistir ao maravilhoso espetáculo desse nosso céu rondoniense. Maravilhoso céu que presenciou o tempo, o chiado e as flechas. Maravilhoso céu que é meu cúmplice... Maravilhoso céu que divide comigo o sumiço da panela de pressão.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Terezinha Von-Rondon Gonçalves.)

# A sede que água não mata

Aluno: Bruno Marques da Silva

Para mim, um dos maiores prazeres da vida é receber água pura na boca seca, degustando algo sem cheiro, sem cor, sem gosto, mas que nos satisfaz tanto. E é na grandeza das águas que a minha história começa.

Quando menino, morava em uma casa que dava fundo para o Rio Itapecerica. A parede do meu quarto nem podia ser rebocada porque a umidade fazia o reboco cair. O rio que existia na quela época era bem diferente deste que vemos agora. Ele era limpo, majestoso. Diria até que ele era feliz. O som de suas águas parecia deliciosas gargalhadas. Hoje ele ainda está lá, no mesmo lugar, mas a sua essência, que me fazia tão feliz, desapareceu. É apenas um amontoado de águas poluídas lutando para continuar vivo.

Morávamos próximo à ponte do bairro Niterói. Ela era mais estreita do que é hoje. Não era possível aos carros irem e virem ao mesmo tempo. Por isso, os carros que seguiam em uma determinada direção eram obrigados a parar para esperar os que seguiam em direção oposta. Porém, isso não era problema, porque não havia muitos automóveis naquela época. Mas é embaixo da ponte, nas águas e na margem do rio, que minhas lembranças mergulham.

Todas as manhãs esperava a brisa do rio vir de mansinho me acordar. Logo dava um pulo da cama, pegava uma banda de pão sovado, com bastante açúcar por cima, e ia correndo ver o rio. Não havia vista melhor do que aquela. Tomava café ali mesmo. Depois, entrava correndo na cozinha, colocava a caneca esmaltada em cima da mesa e ia brincar com meus amigos.

Quase todas as nossas brincadeiras, de alguma forma, estavam relacionadas ao rio. Jogávamos futebol na prainha. Usávamos bola de capota, bola feita de couro e que possuía uma câmara de ar. Ter uma bola dessas era um luxo. E eu era o dono da bola. Mesmo não sabendo jogar direito, era sempre convidado para os jogos. Às vezes, atravessávamos o rio e íamos até uma fazenda que ficava do outro lado para roubar frutas.

Entretanto, a nossa brincadeira preferida era nadar. Isso era a nossa maior diversão. Eu me lembro de que certa vez engoli uma piabinha inteira só porque diziam que isso ajudava a nadar melhor. Deslizávamos feito sabão sobre as enormes pedras que ainda hoje podem ser vistas sob a ponte. Construíamos jangadas de troncos de bananeiras jogados no rio. Pegávamos os grandes

troncos, um a um, os jogávamos na beira no rio e íamos pegar cipó nas árvores mais próximas. Amarrávamos com o cipó tronco a tronco até hastear uma folha de bananeira e velejávamos feito velhos marujos.

Sinto muita saudade daqueles tempos.

Recordo-me das adoráveis tardes de domingo, passadas com minha família e amigos, sempre reunidos na margem do Itapecerica. Acontecia isso porque a cidade antigamente era mais religiosa, todos guardavam os domingos para ir às missas, e depois, celebravam grandes e deliciosos almoços para se divertir.

Passaram-se os anos e seguimos nosso curso. A cidade que um dia foi chamada de “Espírito Santo do Itapecerica” hoje é conhecida como “Capital da Moda”. Eu mudei de vizinhança, casei-me e já sou avô. E o rio? O rio corta a cidade ao meio, passando por vários bairros. De uma maneira silenciosa, ele parece nos dizer que, independentemente do caminho que seguimos, ele estará sempre presente. Afinal, ainda precisamos dele.

Minha vida foi marcada por muitos momentos e meu coração está cheio de recordações das experiências que fizeram de mim o homem que sou. Mas com o rio é diferente. Sempre que me lembro dele meus olhos se banham de emoção e meus pensamentos parecem seguir correnteza abaixo até trazer de volta aquele menino que um dia foi vizinho do rio. Nessa hora, sinto sede daquele tempo...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Cícero.)



# Cores, aromas e sabores de infância

Aluna: Nathalya Cristina Trevisanutto

Os aromas sempre despertam em mim lembranças e saudades. Como é bom voltar à infância e deixar escapar dos guardados de minha memória fragmentos de um tempo tão bom! Fecho meus olhos e parece que vejo o lugar: Sítio São Salvador

Lembro-me das casas enfileiradas, todas pintadas de azul e iluminadas pela luz do sol. Sete casas, sete famílias e muitas crianças para pintar o sete!

O cafezal dominava a paisagem e consumia o trabalho de toda a família, até das crianças. Minha tarefa era limpar os troncos com as mãos e tirar do interior dos pés de café os preciosos grãos que teimavam em ficar escondidos entre galhos e folhagens. A lavoura rendia trabalho para o ano todo: capinar, arruar, derriçar, rastelar, peneirar, ensacar. Ufa...! A melhor parte era quando a colheita estava no terreirão para secar.

O cheiro do café secando ao sol não me sai da memória... Ao final do dia toda a família ia amontoar e cobrir os grãos para protegê-los do sereno da noite. Depois de coberto, o monte de café se tornava nosso brinquedo preferido: um escorregador gigante, nosso parque de diversão!

À noite, depois do banho de bacia e do jantar à luz de lamparina, todos os moradores se juntavam no terreirão para um dedinho de prosa. O que se ouvia era uma sessão de casos e "causos". As crianças tremiam de medo quando as histórias eram de assombração. No sítio ainda não tinha a luz elétrica para ofuscar o brilho das estrelas e nem da luz cintilante dos vaga-lumes. As crianças amavam capturar aqueles seres enigmáticos. Cantávamos a rima mágica "Vaga-lume tem, tem, seu pai tá aqui, sua mãe também". Não sei se por crença ou por questão de coincidência os bichinhos sempre eram atraídos para nossas mãos. Pobres insetos! Só eram devolvidos à natureza depois de conferidos e contabilizados. É que apostávamos para ver quem era o maior e melhor caçador de vaga-lumes.

No final da década de 1970, meu padrinho, que era o proprietário do sítio, apareceu com uma novidade que mudaria para sempre a nossa rotina noturna: um televisor preto e branco que funcionava a bateria. Logo fomos enfeitiçados por aquela máquina. O terreirão foi deixado de lado. Os vaga-lumes passaram a voar sossegados. Ninguém queria perder um capítulo da novela



O direito de nascer . A parte engraçada da história é que não assistíamos a nenhum comercial. A televisão era cuidadosamente desligada nos intervalos para economizar a bateria.

Nas noites de São João o cheiro das delícias exalava das janelas de todas as casas. Bolo de milho, biscoito de polvilho, chá, ximango, quentão e muita diversão. Sete casas, sete fogueiras! E no final o santo terço em homenagem ao santo do dia.

As primeiras letras aprendi em uma escolinha rural. Era de madeira, com apenas uma sala dividida para duas turmas. Dois quadros, carteiras duplas. A professora também se dividia em duas, para atender os alunos e preparar nossa merenda no fogão a lenha. Se bem me lembro, pelo menos uma vez por mês lavávamos a escola: água de poço, sabão de soda, vassoura e escovão. O assoalho de tábua bruta ficava branquinho!

Éramos tão felizes, mesmo não tendo todas as facilidades de hoje! Gostávamos da luz da lamparina, do sabor da água do pote, do aroma do ferro a brasa, do macio e delicioso chiado do colchão de palha. Mas tudo o tempo leva...

Quando meu padrinho faleceu, o sítio foi vendido. Tivemos que nos mudar para a cidade. As casas foram sendo demolidas, uma após outra. O café deu lugar à pastagem e hoje o destruído espaço da minha infância não lembra em nada o que já foi um dia. Neste ano, as últimas árvores do nosso pomar foram arrancadas. O sítio foi tomado pelo verde da plantação de cana.

Passei toda a minha infância naquele sítio maravilhoso localizado aqui mesmo no município de Tamboara. Foi assim minha infância, vivida com simplicidade e amor, com minha família tão querida! Hoje tudo o que era alegria virou saudade, sinto falta das cores, aromas e sabores daquele lugar. Quando revivo esses momentos, meus olhos se enchem de lágrimas.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Vanicléia de Oliveira Souza Rebelo.)

# O mundo encantado do engenho

Aluna: Isabela Kethyes Bezerra Bessa

Sentado aqui no alpendre da casa-grande, olhando em volta desse mundo silencioso em que hoje vivo, me lembro de cada momento que passei neste lugar. O rodopiar dos ventos no canavial, o cheiro da cana verde misturado ao ar puro das águas cristalinas do açude, o barulho dos animais, as vozes dos trabalhadores... Tudo isso está guardado na minha memória.

Era época de fatura, o engenho acolhia de braços abertos todos os que ali iam chegando. Meu pai, homem forte, comandava com ousadia e ao mesmo tempo com humildade os trabalhadores que rudemente transformavam com habilidade a cana em rapadura.

Dentro e fora do engenho ouvia-se o lepe-lepe das palhetas, mexendo o tacho fervente de mel. A moenda subia e descia com um ranger musical, esmagando a cana e soltando uma garapa esverdeada. Jumentos iam e vinham, trazendo nos lombos cangalhas cheias de cana, cujas folhas se arrastavam pelo chão e pareciam cantar uma canção, alegrando nossos ouvidos.

O cheiro vindo da gamela da rapadura, ora com mistura de cravo e erva-doce, ora de coco, fazia com que aguçasse o paladar de quem passava. As mulheres esparramavam o mel na pedra para começar o puxa-puxa do alfenim, seus corpos moviam-se sem parar, pareciam bailarinas ou... borboletas.

O almoço dos trabalhadores era feito na casa-grande e logo de manhã cedo os jumentos encostavam-se ao engenho, trazendo em caçuás as enormes panelas cheias de comida, geralmente a carne dos porcos que eram criados na fazenda. Enquanto alguns mexiam os tachos, outros sentavam no chão para pegar o de comer.

À tardinha esfriavam os corpos para irem banhar-se no açude. De longe ouviam-se os gritos das maritacas misturados à algazarra dos trabalhadores, que pareciam crianças brincando de pega-pega. Ceavam na casa-grande... E vinham chegando, no corpo traziam o cheiro gostoso do sabonete Alma de Flores, considerado um luxo naquela época, cabelos limpos, cheios de brilhantina, que espelhavam de longe. Depois da ceia, sentavam em redes ou tamboretas, iluminados pelo clarão da lamparina, e contavam histórias reais ou de trancoso. O café era servido, e o canivete, retirado da cintura, para cortar o fumo de rolo com o qual faziam um cigarro grosso, enrolado com palha de milho seco que pegavam na tolda, o isqueiro de metal a querosene

rodava de mão em mão para acender os cigarros. Alguns resolviam ir namorar, mesmo que o pai da moça ficasse no meio dos dois.

Naquele tempo tudo era diferente, as pessoas eram mais amigas umas das outras e viviam mais felizes.

Hoje, o engenho está de pé, bem conservado, as pessoas sempre vêm para tirar retratos e ouvir histórias de como funcionava tudo aquilo, mas nunca vão entender como funcionava o coração, a amizade de cada pessoa que ali vivia, pois essa máquina de tirar retrato jamais vai retratar as lembranças, as saudades e a história real do mundo encantado do engenho.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Enias Bessa.)

#### Glossário

Cangalha – armação feita de madeira, colocada em animais, para carregar coisas, objetos.

Caçuás – espécie de bolsa de couro, colocada no jumento, para levar objetos.

Brilhantina – espécie de gel perfumado que os homens usavam nos cabelos nas décadas passadas.

Tolda – terreno adubado para plantar milho.





# Crônica

# Sob um teto de estrelas

Aluna: Lívia da Silva dos Santos

Era um fim de tarde, desses que fazem o céu assumir seu tom mais alaranjado. Deitada no pequeno sofá – encaixado milimetricamente entre duas das paredes da salinha apertada –, absorva em meus pensamentos, mal pude ouvir o som desesperado lá fora. De repente o bater na porta convida-me a sair. Parado à porta está um homem: alto, magricela, colete laranja – tal como o céu também se vestia –, careca, o bigode escuro escondendo a boca com a qual me intima:

— Senhora, o seu prédio vai desmoronar. Por gentileza, retire-se do edifício imediatamente.

As paredes além do homem mostravam-se fissuradas e desgastadas pelo tempo. Sempre passando por elas, no entanto, nunca havia me dado conta dessa situação. O teto parecia apenas aguardar, cordialmente, a saída de seus protegidos. O chão, tentando resistir, bravamente, à erosão, não obtinha sucesso. Nada se ouvia além do choro, do desespero, da agonia. As cores, em substituição ao laranja, agora se faziam vermelho e azul e dançavam agitadas aos gritos desesperados e inquietos das sirenes sobre os automóveis lá embaixo. Tentei correr, pegar as coisas que me valiam, mas logo fui impedida pela mão do homem que segurava meu braço enquanto dizia:

— Senhora, não há tempo. Pela sua segurança, retire-se do prédio.

Pernas trêmulas, olhos marejados. Desci cada degrau das escadas relutando com a realidade que me fissurava, marcava, como cada uma das paredes. Elas estavam marcadas pelo tempo; eu, pela ausência deste. Câmeras, microfones, repórteres, curiosos. No pátio, colchões, crianças, fogões, geladeiras, animais, cadeiras, mulheres, todos brigavam igualmente por um espaço no caminhão de mudanças.

Olhei para a rua que sempre me abrigara nas noites de tédio, quando o sofá era, por qualquer ângulo, desconfortável e as conversas nos tamboretos eram mais instigantes. Ela agora se mostra acolhedora, como uma mãe, e imensa. Sem Chão, Sem Teto (e, se isso indica alguma ambiguidade ao leitor, está no caminho certo). Os outros edifícios, abandonados ou não, cercavam-me como paredes. Sem laranja. As cores agora assumiam seu tom mais escuro. O azul e o vermelho recusavam-se a sumir.

Sentei-me num meio fio e esperei atenta. Na pequena “pracinha verde”, as senhoras conversavam aflitas sobre a tragédia. A feira da sulanca, emprestada gentilmente pela festiva cidade de Caruaru (e ficam aqui os meus sinceros agradecimentos), que alegrava umas noites intercalares desse pequeno lugar, foi obrigada a dividir a atenção de seus contempladores com o tal edifício, que não saía da boca do povo. Eu, ainda impactada, ouvia ecoar as palavras que jorravam da boca de Miró, o poeta da Muribeca, que chorava, pedia, implorava pelo simples direito de seus irmãos terem um lar.

E não se ouvia falar em mais nada. Cada morador narrava sua versão do enredo. Quem dera fosse só o meu enredo, ou que se limitasse aos que me acompanharam nele. A história se repetiu, a história se repete em cada edifício do pequeno Conjunto Muribeca, um barrosinho do “Berço da Pátria”, quase invisível diante de um “Leão do Norte”, mas que ainda ostenta em letras garrafais as boas-vindas aos seus visitantes, aos moradores e àqueles que tentam ficar, pois em terra de Muribeca quem tem casa é Rei, mas há sempre um cantinho velho para um desabrigado.



# Menino ladino

Aluna: Mara Domingos da Silva

No mês de agosto, a minha cidade recebe a visita de um menino malandro e muito agitado. Logo pela manhã, quando acordo, já ouço o seu assobio melodioso. Tomo o meu café rapidamente e vou para fora. Lá encontro o menino e ele já começa a me provocar, bagunçando os meus cabelos, sacudindo as minhas roupas, quase me carregando para onde ele vai, mas fico firme e sigo em frente. Por um minuto ele some, e logo volta, com mais força, levando consigo os aromas da natureza e das pessoas que encontra.

Vou para a escola e ele me acompanha com muita alegria. Toca o sinal para começar a aula e tenho que deixá-lo lá fora. Mas, quando olho pela janela, vejo o moleque convidando as árvores. Viro-me para prestar atenção no que a professora diz, de repente alguém bate à janela buscando atenção, olho e não vejo nada, então fico atenta, a fim de escutar o seu chamado suave. Uma batida na porta. A professora abre prontamente, ele entra com felicidade e carrega tudo que vê pela frente: papéis, lápis, cortinas... Entretanto, o que ele mais gosta de carregar são os nossos cabelos. Ah! Menino ladino!

À tarde eu vou para a fazenda e o menino vai comigo, cantando de um jeito que só ele sabe: ssssssss. Nas lavouras de trigo até parece um professor que ensina os alunos a dançar balé. É lindo ver a plantação sendo conduzida por ele, em ondas, em voltas e reviravoltas.

Volto para casa e ele me acompanha, invade a minha vida e com insistência me convida para brincar. Às vezes, resolve seguir outras direções e desaparece. Depois de algum tempo retorna, ora discreto, ora atrevido, disposto a não mais nos deixar. À noite, quando me deito e a cidade fica em silêncio ouço o seu canto novamente, parece que está cantarolando uma canção de ninar para eu dormir, fecho os olhos e tenho a impressão de ouvi-lo sussurrar ao meu lado e assim adormeço.

Quando setembro chegar ele irá embora, deixando um rastro de saudade no ar. Assim são os ventos do mês de agosto em São Pedro do Iguaçu: um moleque arteiro que vive a aprontar, deixando tudo fora do lugar.

# Planaltão forever

Aluno: Pedro Henrique Siqueira de Sousa

Terra, poeira; pés descalços, com unhas encravadas; meninos suados, sujos, fedidos e apaixonados por futebol. Um ponto de encontro e nossa segunda casa. Assim poderíamos definir o Planaltão. Lugar de felicidade e muitas bolas ao vento, onde altas jogadas, feias ou bonitas, sempre proporcionavam aqueles gols fenomenais. Havia sempre aquele “bonzão” que no final pagava um gol no “Inacreditável Futebol Clube”. Às vezes tinham jogadas a la Ronaldinho, Pelé e até Messi, mas a participação dos “sem querer” não podia faltar, e, como sempre, aparecia um toque especial e particular de cada jogador.

Quando chegavam os moleques fazíamos a contagem, se conseguíssemos seis para cada lado, não importava se eram amigos ou inimigos, os times estavam formados e era só um gritar, num dialeto bem paraense: “Agora ta du vale!” (está valendo), que a paz acabava. Era sebo nas canelas, partíamos pro jogo, ali virava um campo de batalha, cada um com a sua estratégia, porque ser treinador ninguém queria, queríamos mesmo era a magia da pelota; e assim, bola pra cá, bola pra lá, goleiros passando perrengues, zagueiros dando bicão na redondinha e sempre saia um:

— Pega ela. Acredita.


Isso virara um bordão. Podia fazer sol, chuva e até sereno, mas toda vez jogávamos até não ver a bola. Quando a escuridão caía, não importava se tivesse 90 a 0, quem fizesse o último gol era consagrado campeão do dia. Juiz ali não tinha (sorte pra mãe dele), brigas ali tiveram algumas, assim como muitas amizades encontradas e renascidas, mas nada que interferisse nas nossas peladas.

Nosso maior ídolo foi o Toin, revelado pelo Planaltão F. C., que dali foi jogar no Paysandu, lá jogou apenas três jogos e no último entrou para fazer parte da maior vitória daquele time e o infeliz foi o River Plate: aos 43 do segundo tempo o nosso Toin fez o tão sagrado gol, e na comemoração veio o nosso orgulho, tirou a camisa, mesmo consciente do cartão amarelo que levaria, e com outra por baixo mostrou a frase que para os planaltenses era a mais linda de todas.

“Planaltão, eu I Love, Planaltão!”

Com vários erros, mas foi o nosso maior orgulho mesmo!!!





Mas como tudo o que começa acaba. Agora o barulho das máquinas revela que a cidade está crescendo e que o novo proprietário do terreno onde ficava o nosso Planaltão vai realizar o seu sonho de um prédio novo, nem se importando com as tristezas e saudades das crianças, jovens e adultos que faziam daquele lugar um magnífico estádio. Não entrou ali um velho de canivete na mão para cortar a bola e fazê-la sangrar, entraram engenheiros e operadores para cavoucar e enterrar a nossa alegria.

Da quadra da escola, vemos indo embora os nossos risos, silenciando os gritos de euforia e brotando a lágrima da saudade. Queria ter agora a força de um super-herói para poder parar aquelas máquinas cruéis. De pé na arquibancada, com os nossos corações partidos, calados, com o choro enroscado na garganta observamos tudo ir de trave abaixo. Homens trabalhando para construir uma cidade mais moderna, evoluída, fazendo brotar salas que receberão os pés limpos, unhas feitas, sapatos engraxados, de salto, no lugar que até bem pouco tempo recebia os pés de moleques que sonhavam em um dia ser jogador de futebol!

Mas Planaltão é assim, pra sempre!



# Relógio jumento

Aluna: Roberta Oliveira Morim



Por aqui não tem shopping, não tem cinema, não tem churrascaria, não tem pizzaria, não tem funerária, não tem feira, não tem zoológico, não tem Pronto-Socorro, não tem espaço cultural, não tem parque, não tem quase nada. Mas aqui tem uma coisa que cidade nenhuma tem. Sabe o que tem aqui? O jumento do tio Joãozinho. O despertar da manhã com o galo, que nada! Aqui o despertador é na “base” do zurrar do jumento.

O Paioso (que foi o nome dado a ele) reside aqui pertinho, numa chácara. Além de despertador, no pensamento do Paioso ele se acha um ótimo cão de guarda. Lá na chácara se ele vê chegar alguém, vai logo dando o alarme, se escuta qualquer barulho, vai logo zurrando. É um tipo de jumento de guarda. Mas o que ele gosta mesmo é de acordar a cidade, o Paioso é como um despertador. Às 6 horas da manhã ele solta a voz literalmente, quando os peões chegam na chácara para tirar o leite das vacas. Lembrando, o Paioso não pode ver nem escutar nada que ele vai zurrando, e nesse horário, na chácara, é muito movimento, aí ele zurra que é uma beleza! Acordando a cidade inteira com o seu som engraçado.

No começo dessas “zurrações” era bem chato. Pois imagine você, sendo acordado todos os dias, bem cedinho, pelo zurrar de um jumento? Pois é, mas eu me acostumei e o povo daqui também. Alguns se acostumaram tanto que parecem “zurradores profissionais”, sabem imitar direitinho o zurrar do jumento. Poderia até ser organizado um concurso por aqui, para ver qual é o melhor imitador do Paioso, certamente teríamos muitos concorrentes e iria ser uma disputa acirradíssima e muito engraçada!



Há três tipos de jumento: o jumento baiano, o jumento nacional e o jumento pega. O Paioso é um jumento pega, que tem mais ou menos 1,30 metro de altura, de cor acinzentada, genioso, atrevido, inconveniente e cheio de caras e bocas quando grita. Pense, uma gracinha não?! Podem existir milhares de outros jumentos iguais a ele na cor, na altura, na raça e até no nome, mas eu tenho a certeza que nenhum tem a função de despertador e jamais algum outro jumento tomará o lugar do Paioso. Infelizmente, claro que chegará o dia final, o dia em que o jumentinho terá que partir... E eu já começo a imaginar que se merecia fazer um grande funeral para ele, como já ocorreu quando um importante político daqui faleceu. Um caminhão do corpo de bombeiros levaria o seu corpo, logo atrás a fanfarra, e claro uma cavalgada (pois, por aqui, qualquer evento que aconteça tem a fanfarra tocando e uma cavalgada acompanhando) com jumentos, mulas, éguas, cavalos, burros. Ah! Quanta emoção... E todo o povo acompanhando seu funeral. E, por fim, merecia-se também uma estátua com a imagem dele na entrada da cidade, juntamente com uma placa escrito: "Aqui jaz um relógio jumento..."

# O senhor dos covos

Aluno: Elias dos Santos Marinho

Não há nada melhor do que fazer o que a gente gosta! Escrever, rimar ou cronicar. Tanto faz! O importante é liberar o olhar encardido para o meu quintal.

O que a mente me traz pro dia de hoje são os covos. Ontem, andando pelas trilhas que nos levam à Fonte da Juventude, sob um sol de rachar os miolos, até de um menino como eu, encontrei o Meu Senhor.

Sentado em um toco de uma jaqueira, o mestre fumava um cigarro apavorante. No meio de talas e cipós, o cheiro do fumo incendiava o pasto. E o velho senhor, lá, ruminando os sonhos de quem acredita ainda na natureza para arrancar alguns trocados.

De cócoras, tasquei um olhar para o poço e refletido nas águas aluviadas do riacho: o Senhor dos Covos. Aquela cena me lembrava a de um guerreiro, o Zumbi dos Palmares, rompendo o limite entre a luta, o golpe, e o destino.

E as lutas daquele senhor negro são muitas: uma delas é ser o construtor de covos. Meu Senhor agarra camarão com eles, depois vende na feira e entrega o dinheiro para sinhá Maria.

Pense em um trabalho miúdo de doer. Depois de cortar a taboca em pequenas talas, o artista usa uma espécie de cipó para enredar cada haste, fazendo uma espécie de cone. E são esses covos que os pescadores daqui usam para pescar camarões. “Às vezes, a lontra nos tira a renda do dia”, reclama Zé Neguinho, olhando pra mim, quase que gemendo.

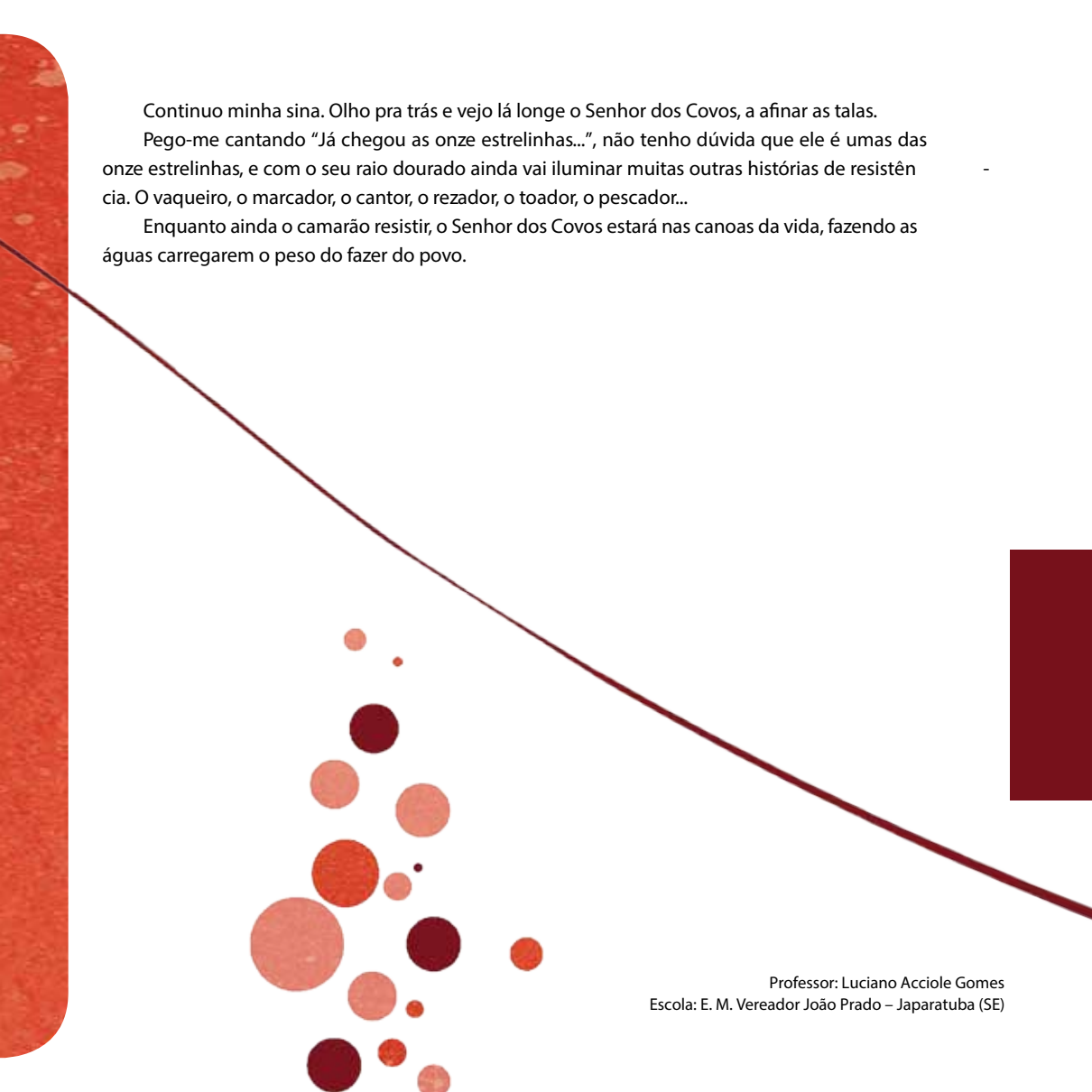
Nesse momento foi a minha barriga que gemeu. Roncou, roncou feio! Encolhi-me.

— Tá com a pança roncando, menino?

— Não, senhor!

— Se quiser chegue pra cá e pegue um pedaço de pé de moleque, pois, camarão, só amanhã!

Não disse mais nada, emudecido fiquei a contemplar aquele homem com as suas pelegas para sobreviver. A força dele me comove e me leva a ver entre as bananeiras daquela fonte, as fitas coloridas daquele mestre, o Mateus do Reisado. O seu canto agora invade meus pensamentos.



Continuo minha sina. Olho pra trás e vejo lá longe o Senhor dos Covos, a afinar as talas.

Pego-me cantando “Já chegou as onze estrelinhas...”, não tenho dúvida que ele é umas das onze estrelinhas, e com o seu raio dourado ainda vai iluminar muitas outras histórias de resistência. O vaqueiro, o marcador, o cantor, o rezador, o toador, o pescador...

Enquanto ainda o camarão resistir, o Senhor dos Covos estará nas canoas da vida, fazendo as águas carregarem o peso do fazer do povo.



# Artigo de opinião

# Revolução verde?

Aluno: Carloci d'Avila Menezes

A partir da década de 1970 intensifica-se a chamada “revolução verde”, programa idealizado para multiplicar a produção agrícola nos países menos desenvolvidos. O modelo incentiva o uso de sementes geneticamente modificadas, insumos, mecanização, produção em massa, irrigação, barateamento dos custos e gerenciamento de produção.

Santa Margarida do Sul, pequena cidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, mas com uma área rural significativa, não foge a esse modelo. Hoje, ao cultivar grãos como a soja, cevada, canola, trigo e milho, além de uva, cítricos e hortaliças, ostenta uma economia diversificada.

Para manter e ampliar a produção dessas culturas, os produtores se sentem dependentes dos fertilizantes, para “enriquecer” o solo, e dos agrotóxicos, para combater as pragas que atacam as suas lavouras. Com o passar do tempo, os efeitos dos agrotóxicos surgem, como a contaminação humana e do meio ambiente. As pragas tornam-se resistentes e, por isso, eles deixam de ser efetivos, levando à adição de mais aplicações ou o uso de novas moléculas ainda mais potentes. Quanto a isso, há posições antagônicas, que geram discussões.

Os defensores dos agrotóxicos argumentam que não há como garantir a produção e a sua qualidade sem os agrotóxicos e que inexistem a produção de agentes naturais que possa atender, só no Brasil, milhões de hectares de terra. O senhor Rogério Estrazulas, um dos proprietários da Fazenda Santa Eulália, reforça dizendo que são feitas várias pulverizações anuais nas suas lavouras e, se todos os produtores deixassem de fazê-las, a produção entraria em colapso, pois as pragas destruiriam as plantações e, como efeito, haveria a escassez de alimento.

Já os que são contra o uso dos agrotóxicos afirmam que os riscos à saúde são evidentes, como aborto, distúrbios cognitivos, de comportamento, endócrinos, conforme afirma a pesquisadora da Fiocruz, Lia Geraldo. Isso se manifesta de forma crônica pelos alimentos, ou aguda, naqueles que estão expostos ao produto, como ocorreu com o senhor Isaltino Teixeira, 71 anos, que disse, em entrevista, que, quando há pulverização, sofre náuseas, dor de cabeça e alergia. Ademais, argumentam que contaminam o solo, o ar e os cursos d'água, ameaçando a biodiversidade. O engenheiro agrônomo, Paulo Fassina, da Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente, alerta-nos que o aquífero fissural do escudo cristalino, que abastece o município, ainda não registra contaminação, mas isso poderá ocorrer, pois o uso dos agrotóxicos é abusivo e não há monitoramento adequado.

Embora reconheça que ainda inexista a produção de agentes tecnologicamente corretos que venham atender a todas as lavouras quanto ao combate às pragas, discordo do uso dos agrotóxicos. Sou partidário da cultura orgânica, porque não provoca malefício ao meio ambiente e ao ser humano. É mais saudável, nutritiva e saborosa que a convencional. Ainda que seu custo seja alto, vale a pena investir mais em qualidade do que na aquisição de um alimento mais barato, mas que ofereça riscos. Também apoio as técnicas que não lesem a natureza, como o chá produzido a partir de plantas bioativas que repelem pragas e atraem predadores naturais, e o falcão, um predador natural de ratos e caturritas que atacam o milho. Essa prática já é vivenciada por duzentos agricultores familiares da Região Sul do Estado. O seu sucesso fez com que a Embrapa, em Pelotas, encampasse a ideia, fazendo experimento com cinco plantas: camomila, chinchilho, arruda, funcho e pata-de-vaca.

Assim, penso que não se resolverá a questão dos agrotóxicos em curto prazo, mas creio que somente com forte investimento em pesquisa, tanto de iniciativa governamental quanto privada, é que se vislumbrará o caminho de uma agricultura sustentável. Temos que tirar lições do ontem e do hoje para alcançarmos um amanhã sem agressões ao planeta. A revolução verde não pode dar margem a interrogações. Há necessidade urgente de promover a mudança de cultura, assim como de priorizar a atenção à responsabilidade social. Os princípios da agroecologia precisam ser resgatados, pois, caso contrário, materializar-se-á o pensamento do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss: “O mundo começou sem o homem e acabará sem ele”.





# O Haiti é aqui

Aluno: Paulo Renan de Souza Figueiredo

A população acriana vivencia um processo inusitado com a entrada dos haitianos em nosso território pela fronteira Bolpebra – Bolívia, Peru e Brasil. Em Rio Branco, lugar onde vivo, há grande número de haitianos que, com o terremoto de 7,0 graus na escala Richter, ocorrido em 2010, em Porto Príncipe, capital de seu país, resolveram buscar melhores condições de vida no Brasil, país responsável pelas forças de segurança da ONU que intervêm em sua pátria.

Com a atenção do governo acriano à situação calamitosa dos haitianos, a fronteira foi liberada. A entrada e a forma de atendimento aos refugiados geraram divergência de opinião por parte da população: deve o Acre continuar dedicando esforços para acolher os haitianos, sendo ainda um Estado em desenvolvimento?

Determinada parte da população posiciona-se contra, inclusive o secretário adjunto de direitos humanos José Henrique Corinto, argumentando que os haitianos têm como foco o mercado de trabalho no Acre e em outras cidades, como Cuiabá, Manaus e Porto Velho, além de regiões promissoras como o Centro-Sul.

Alguns haitianos vieram pensando em ganhar dinheiro e, em seguida, retornar à sua terra natal. Entretanto, sem documentos para comprovar escolaridade, alguns se depararam com métodos de contratação racista, em que, segundo um representante de uma empresa: “Trabalhador bom é aquele que tem canela fina. Não vamos contratar quem tem panturrilha grossa porque é preguiçoso”. Por atos como esse, atrelados aos baixos salários oferecidos, muitos viram seu sonho cair por terra. É um absurdo! Em pleno século XXI o Brasil ainda tem cidadãos que cultivam práticas racistas do tempo da escravidão.

O Governo Federal forneceu cerca de 2 milhões de reais ao Estado do Acre, a fim de que fossem utilizados para alimentação e moradia do grupo de refugiados. Além dessa quantia, o governo autorizou a emissão de 4 mil vistos de trabalho aos haitianos em solo acriano e aos outros que estariam por vir.

Alguns acrianos acreditam que o dinheiro deveria ter sido aplicado em infraestrutura nos bairros rio-branquenses, em vez de ser destinado a suprir as necessidades dos haitianos. Afinal, ao mesmo tempo em que o Acre recebia de braços abertos os estrangeiros, os moradores da capital acriana passavam por uma grande calamidade: a maior alagação de todos os tempos ocorrida com o transbordamento do rio Acre – 25% de nossa cidade ficou debaixo d'água.

A imigração de haitianos é uma questão que deve ser analisada não apenas pelo prisma local, ela tem projeções internacionais. Até que ponto se recusar a prestar ajuda humanitária não constitui demonstração de xenofobia? Sabemos que a aversão ao “estrangeiro” é uma realidade entre os povos: países ricos fazem da xenofobia um comportamento comum.

Para nós, acrianos, a presença de haitianos em nosso território representa a chance de demonstrar ao restante do Brasil toda a hospitalidade que é marca registrada de nosso povo. Somos o único Estado da federação que lutou para ser brasileiro, escrevendo com o sangue de “seringueiros revolucionários” uma das mais belas páginas da história de nossa nação.

Sou plenamente a favor da entrada de haitianos no Brasil. Defendo veementemente que é função nossa, neste momento de calamidade, prestar ajuda humanitária a quem dela necessita. Para os imigrantes, a possibilidade de um trabalho seria uma forma de garantir a própria sobrevivência e enviar ajuda à família.

Diante da singular situação que se apresenta, penso que acolher os estrangeiros é a atitude mais coerente, porque nós, acrianos, sabemos bem como é nos sentir “estrangeiros em nossa própria nação”. Vez por outra, ao acessar páginas de relacionamento na internet ou viajar para outros lugares do Brasil, ouvimos a célebre pergunta: “O Acre existe?”. Seria essa uma excelente oportunidade de mostrar que “existimos, sim”, e que reconhecemos que, acima de rivalidades motivadas pela não aceitação do “diferente”, estão valores como a solidariedade e a cooperação entre os povos. Assim, veremos um país devastado pelo terremoto se reerguer, gerando um efeito em cadeia. Aceitando-os aqui no Brasil, poderíamos ultrapassar as fronteiras e trocar uma atitude xenofóbica por um ato de solidariedade humana.



# Natal: Noiva do Sol, Amante da Prostituição

Aluna: Taiana Cardoso Novais

É evidente o motivo pelo qual a cidade de Natal é conhecida como Noiva do Sol. Tudo se deve às belas praias aqui existentes, ao céu quase sempre ensolarado, ao clima quente e convidativo. O inimaginável, no entanto, é o que se esconde à noite nessas mesmas praias: o turismo sexual, que dá à cidade a alcunha de Amante da Prostituição.

Nas praias, às sombras dos coqueiros, há mulheres e até garotas – pasmem! – à espera de que os turistas, principalmente os estrangeiros, venham procurá-las. Uma realidade vergonhosa não somente para os habitantes daqui, como eu, mas para todos os brasileiros. Sendo assim, é coerente questionar: “Por que a indústria do turismo sexual tem um crescimento exponencial que desafia toda sorte de organizações, bem como o poder público?”

O “prostiturismo” é, muitas vezes, estimulado pela nata natalense: donos de hotéis, de agências de turismo, de empresas de táxi, todos lucram com a prática, chegando até a anunciá-la mundo afora. Por mais inacreditável que pareça, os cartões-postais da cidade, agora, vão além do Morro do Careca e, à proporção que a publicidade aumenta, crescem também as sórdidas estatísticas. Segundo uma pesquisa do Unicef, a exploração sexual está presente em 930 centros urbanos brasileiros, dos quais 436 são cidades nordestinas, sendo Natal a líder, paraíso do sexo fácil.

É muito comum ouvirmos comentários de que a culpa da prostituição é das próprias mulheres submetidas a essa vida. No entanto, dificilmente é citada a maior causa, provavelmente, de muitas se iniciarem nessa profissão: a sobrevivência. Uma pesquisa realizada pelo setor de ciências humanas da UFRN constatou que as mais movimentadas zonas de prazer, entre as 29 já conhecidas pela polícia civil no município, são a Rua do Salsa e a Avenida Roberto Freire, ambas situadas em um dos bairros mais nobres da cidade, onde boa parte dos turistas/clientes se hospeda.

André Petry, renomado jornalista, em artigo para a revista *Veja*, defende a regulamentação da prestação de serviços sexuais como profissão efetiva, dizendo ser essa a única maneira de retirar as prostitutas da míngua. Em minha opinião, essa não é a solução mais viável, pois não basta dar condições de trabalho a quem usa a prostituição como meio de sobrevivência. O que deveria ser defendido era a abolição desse tipo de serviço, posto que é visto pela maioria como algo degradante e que fere a dignidade de quem o pratica.

Vale ressaltar também que tal prática se associa concomitantemente à violência e ao uso de drogas, o que é confirmado pelos dados da pesquisa da Associação dos e das Profissionais do Sexo e Congêneres do Rio Grande do Norte (Asprorn). Segundo ela, mais da metade das prostitutas utilizam algum tipo de psicoativo, entre os quais estão o álcool, o crack e a cocaína. Além disso, essa mesma parcela já sofreu ou infligiu algum tipo de violência. Um dado arbitrário à ética.

Infelizmente, diante dessas circunstâncias está o descaso de parte da sociedade natalense e do poder público para com a problemática. Penso que esse desinteresse se dá devido à relação direta que a cidade de Natal tem com a indústria do turismo sexual. E, em razão de o turismo ser a principal atividade econômica da capital, o raciocínio é simples: garotas de programa atraem visitantes, que, por sua vez, injetam dinheiro na economia.

A prostituição é um problema de ordem social e coletiva e, nesse contexto, é preciso a formação de uma aliança entre os cidadãos potiguares e as instituições públicas responsáveis no intuito de que sejam elaboradas medidas que evitem a entrada de novas mulheres e jovens nesse mercado ilícito, tais como a fundação de mais escolas técnicas, no ímpeto de profissionalizá-las.

Outra medida a ser tomada seria a fiscalização do prostiturismo pela polícia, além da intensificação do cumprimento das leis que combatem a questão. Sendo assim, unidos – Estado e sociedade –, possivelmente poderemos evitar a consolidação do título de Amante da Prostituição e invalidar o dito do grande mestre Câmara Cascudo de que o potiguar só está de acordo se for para ouvir ou narrar anedotas.



# Os piratas do rio Amazonas

Aluna: Ana Lina Souza de Oliveira

Vivo em um lugar que está localizado no meio do mundo, na maior região do Brasil. Macapá, a única capital do Brasil cortada pela linha do equador, no norte do país. Abençoada por riquezas naturais e únicas, como o maior parque nacional de floresta tropical do mundo As Montanhas do Tumucumaque, o parque ocupa 26,5% da área total do Estado do Amapá e guarda uma grande biodiversidade de espécies raras e ameaçadas de extinção como beija-flores multicoloridos e uma espécie raríssima só vista nesta região do país, o gigante beija-flor-brilho-de-fogo, o maior e mais bonito do Brasil, a suçuarana, a onça-pintada, o macaco parauaçu, o lagarto amapasaurus entre outras espécies.

Macapá é uma cidade privilegiada por ser rodeada pela maior floresta do planeta, a Amazônica, e banhada pelo maior rio do mundo, o Amazonas. Mas o nosso mar doce está sendo ameaçado pelo tráfico de suas águas e espécies aquáticas. O rio que antes era usado somente como rota dos navios para exportação de minérios e produtos da floresta, gerando trabalho e renda, hoje é vítima de piratas.

Cientistas, autoridades brasileiras e amapaenses foram informadas que navios cargueiros que entram no Estado para buscar minérios no Porto de Santana abastecem seus reservatórios com as águas do Amazonas antes de sair do Estado para comercializá-la em seu país de origem, praticando ao mesmo tempo dois crimes: a hidropirataria e a biopirataria, levando com a nossa água diversidades de espécies aquáticas. Essa modalidade de saque dos recursos naturais vem tirando o sossego dos amapaenses. Cálculos preliminares mostram que cada navio tem se abastecido com 250 milhões de litros, ou seja, a ingerência estrangeira nos recursos naturais da nossa Amazônia tem aumentado significativamente nos últimos anos - estão roubando nossa água e biodiversidade bem diante de nossos olhos, ao lado da Fortaleza de São José de Macapá, na orla da cidade, onde podemos ver os grandes navios ancorados.

O engenheiro Paulo Edgard Fiamenghi, que trata as águas do rio Negro, que abastece Manaus por processos convencionais, comentou em uma página na internet que “levar água para se tratar no processo convencional é muito mais barato para os países de fora que o tratamento por osmose reversa”.

Em minha opinião, estão economizando, furtando a nossa água para transportá-la para a Europa e Ásia, já que com a dessalinização pelo processo de osmose reversa lhes custaria mais caro. -

Com tudo isso, nós nos perguntamos: “Quantos e quantos milhões de litros de água terão que ser roubados do nosso Amazonas para que alguma providência seja tomada? O que as autoridades deste Estado estão esperando para punir e atuar os piratas do rio Amazonas?” -

Portanto, a falta de uma denúncia formal à Agência Nacional de Águas (ANA) é o que impede uma mobilização por parte da Marinha do Brasil para dirigir-se até o local com auxílio de outros órgãos, bem como da comunidade, para coibir essa prática e proteger nosso patrimônio garantido por lei no artigo 26, inciso I, da Constituição Federal, assim protegendo o bem de nosso Estado, o rio Amazonas.

É preciso que o povo macapaense cobre mais das autoridades locais, para que eles fiscalizem os crimes praticados contra o rio.

Não consigo nem imaginar que o governo brasileiro esteja permitindo o abastecimento de água doce para outros continentes, puramente para benefício comercial, ou até mesmo pensando em privatizá-la num futuro próximo, enquanto o povo amapaense vê de camarote o rio sendo saqueado e os ribeirinhos perdendo o seu sustento e bem mais precioso, essencial para a vida de todos nós, e nada sendo feito para proteger nossas águas.

Assim, deixo todo o meu repúdio com frases de Elton Glademir e Newton Lima: “Chegamos à última instância do absurdo... Chegamos ao último patamar da ganância e da safadeza humanas, em que assistimos ao crescimento material”. “Água não é mercadoria.”

Hoje não devemos abusar dos recursos naturais que temos, devemos protegê-los, garantindo que gerações futuras e diversas espécies que aqui habitam, tenham a oportunidade de sobreviver naturalmente do rio Amazonas. A água é um bem ambiental de uso comum da humanidade, por isso a preservação dessa reserva garantirá a biodiversidade mundial do lugar onde vivo.



# A favor da memória

Aluna: Patrícia Vieira de Queiroga

Recentemente uma questão polêmica surgiu em minha cidade, Pombal, Paraíba: a chaminé da fabrica da Brasil Oiticica deve ou não ser derrubada? A questão divide opiniões. Após quase três décadas de aparente esquecimento e indiferença por parte da sociedade, a compra do terreno da extinta Brasil Oiticica e a destruição das instalações da indústria, que não atingiu a chaminé por intervenção de alguns cidadãos, acenderam um debate entre os pombalenses em torno do que realmente é importante para o desenvolvimento e para a história da nossa comunidade.

Instalada na década de 1930 em Pombal, a filial da Brasil Oiticica exportou óleo de oiticica para ser utilizado na produção de armamento na II Guerra Mundial. Inovadora na sua época, a empresa fundou, além de uma escola para os filhos dos operários, um time de futebol e proporcionava nos fins de semanas saraus e bailes para a comunidade. Um grande marco na memória coletiva é a sua sirene, que, em determinados horários, sinalizava a entrada e a saída dos trabalhadores e que funcionava como referência de horário para toda a população, sendo comparada ao relógio londrino. Contribuiu, de forma decisiva, para o desenvolvimento da economia na época, garantindo emprego e renda para muitas famílias sertanejas. Em 1987, sua falência foi declarada.

Diante de tão significativa contribuição econômica, histórica e, por que não dizer, cultural, seria justo demolir a chaminé? O argumento mais comum entre aqueles que se opõem à sua preservação é que o terreno ocupado por ela, uma área pequena, poderia ser usado para a construção de empreendimentos econômicos, inclusive valorizando o bairro onde está localizada, que é periférico e marginalizado. No entanto, a preservação da chaminé poderá trazer benefícios econômicos e valorização do bairro, caso seja transformada em um ponto turístico. O que pode ser comparado à chance das gerações futuras de verem de perto um monumento que represente a história do nosso povo ou ao orgulho de ter uma das cinco chaminés desse modelo existentes no mundo?

Há ainda aqueles que argumentam que não se deve preservar algo que, de certa forma, contribuiu, mesmo que indiretamente, para a II Guerra Mundial. Ora, dessa forma, grandes monumentos históricos que tiveram relação direta com barbáries deveriam ser demolidos. Só para citar dois exemplos: o Coliseu, palco de espetáculos degradantes – na sua inauguração, os “jogos” lá realizados causaram a morte de 9 mil animais e 2 mil gladiadores; e o Muro de Berlim, que dividiu

as Alemanhas Ocidental e Oriental – a parte do muro preservada é hoje o ponto turístico mais visitado da Alemanha.

A chaminé, de uma forma ou de outra, interferiu em nossa vida. Todo pombalense tem um parente ou um conhecido que, ao relembra aquele tempo, cita algo relacionado à Brasil com nos talgia. Segundo Sônia Regina Rampim Florêncio, coordenadora de educação patrimonial do Iphan, “a partir da memória e da cultura local, as pessoas começam a se sentir pertencendo ao local, portanto recomeçam a resgatar uma memória coletiva, e isso gera um processo de autoestima na comunidade, que é fundamental para escolher os caminhos do desenvolvimento daquele lugar”. Ela ainda afirma que “não se valoriza somente o que se conhece, mas também o que a gente se sente pertencendo”. Partindo dessa afirmação, pode-se concluir que a chaminé deve ser preservada, pois nossa história está ligada a ela. Ela nos pertence.

Tenho a convicção de que a chaminé deve permanecer erguida não para lembrar apenas a história da empresa Brasil Oitítica, mas para manter viva a memória de uma época tão importante para o povo de Pombal.

Não se prega tanto o desenvolvimento sustentável preservando a fauna e a flora, por que também não preservar a nossa história? É certo que para se transformar em patrimônio histórico e cultural, ainda segundo Sônia Regina Rampim Florêncio, “é necessário que haja ações educativas para haver um reconhecimento do patrimônio como nosso, pois o patrimônio histórico-cultural pertence à comunidade e cabe a ela julgar relevante ou não sua permanência”. Portanto, é importante que a comunidade se mobilize para garantir à chaminé a condição de patrimônio histórico material imóvel de nossa comunidade, para que se mantenha viva, na memória coletiva, a lembrança de um caminho percorrido e para firmarmos nossas raízes.

